

Espelho, espelho meu... Permite ver-me além do meu eu? A cultura como determinante para a construção de estereótipos, do preconceito e de novas subjetividades no contemporâneo

Mirror, mirror of mine... Does it allow me to see beyond my self? Culture as a determinant for the construction of stereotypes, prejudice and new subjectivities in the contemporary world

506

Alessandra Lopes da Silva Macedo
Regina Célia Mendes Senatore

Resumo: Esse ensaio objetiva discutir os fenômenos acerca do ideal de perfeição do corpo construído pela cultura contemporânea e analisar à luz do pensamento de Freud, Adorno e Horkheimer como a relação do indivíduo com a cultura podem oferecer subsídios para a compreensão de como a produção de estereótipos anunciam formas de violência como o preconceito e bullying. Trata-se de um ensaio teórico com base nas e elaborações psicanalíticas e da Teoria crítica. O questionamento que norteia a pesquisa se inicia quando nos propusemos a pensar como as pessoas com obesidade podem ser alvo de preconceito e de bullying? O resultado da discussão aqui aprofundada retrata que a construção de estereótipos produzidos pela cultura e a falta de esclarecimento das verdades impostas por uma sociedade, principalmente a não oportunidade de um trabalho que permita uma autorreflexão daqueles que praticam o bullying e o preconceito contribuem para a perpetuação de formas de violência. Um paradoxo se apresenta, sobretudo, por uma sociedade capitalista, que em seus mínimos detalhes, trabalha para abocanhar o sujeito, impondo-lhe uma necessidade devoradora. Nessa via, o corpo gordo pode nos revelar uma face, muitas vezes às avessas da satisfação obtida por uma ideologia de consumo e aumento das relações em que prolifera o uso da imagem de um corpo padronizado e, por vezes, pode contribuir para análises de uma cultura que impõe modalidades engessadas em ideais e termina por rechaçar as diferenças. Em suma, entendemos que a fragilidade das relações interpessoais tem proporcionado uma transformação social que impera o isolamento do eu, e pensar qual lugar da cultura no ideal de perfeição do mundo contemporâneo e na produção de estereótipos, principalmente em relação à redução de medidas corporais torna-se emergente.

Palavras-chave: Obesidade; Novas subjetividades; Mal-estar da Cultura; Construção de estereótipos; Preconceito.

Abstract: This article aims to discuss the phenomena about the ideal of perfection of the body constructed by contemporary culture and to analyze in the light of the thought of Freud, Adorno and Horkheimer how the relationship of the individual with culture can offer subsidies for the understanding of how the production of stereotypes announces forms of violence such as prejudice and bullying. It is a bibliographic study based on the research and elaborations of Freud, Adorno, Horkheimer, contemporary authors such as Christopher Lash, Jurandir Costa Freire, Naomi Wolf and Leon Crochik. The question that guides the research begins when we set out to think about how people with obesity can be the target of prejudice and bullying? The result of the discussion here portrays that the lack of clarification of the truths imposed by a society, the construction of stereotypes by culture and not the opportunity for a work that allows self-reflection of those who practice bullying and prejudice. A paradox is presented, above all, by a capitalist society, which in its smallest details, works to grab the subject, imposing on him a devouring need. In this way, the fat body can reveal to us a face, often the opposite of the satisfaction obtained by an ideology of consumption and



increased relationships in which the use of the image of a standardized body proliferates and, sometimes, can contribute to the analysis of a culture that imposes modalities plastered in ideals and ends up rejecting differences.

Keywords: Obesity; New Subjectivities; Malaise; Culture; Construction of Stereotypes; Prejudice

Introdução

507

- "Mamãe fiz um amigo novo na escola!"
"Mamãe, meu amigo mudou de escola, ele era gordinho e fizeram bullying com ele, estou triste!"
adolescente,
13 anos!¹

A citação acima, evidencia o ponto de partida da nossa reflexão. Dentre as problemáticas encontradas no contexto escolar e as diversas formas de violência da sociedade atual, o corpo gordo tem sido alvo de constantes ataques de bullying e preconceitos. Importante marcamos com Crochik (2017) uma diferenciação das duas formas de violência. Para o autor muitos estudos acerca da problemática em torno do bullying e preconceito evidenciam o caráter destrutivo de tais ações em relação aos seus alvos, no entanto, o alvo do bullying é um objeto indistinto, indefeso, enquanto o preconceito é algo que está relacionado tanto a mecanismos psíquicos primitivos, quanto à relação com o processo civilizatório.

Esse ensaio objetiva discutir os fenômenos acerca do ideal de perfeição do corpo construído pela cultura contemporânea e analisar à luz do pensamento de Freud, Adorno e Horkheimer, por entender que se trata de autores que marcam a relação do indivíduo com a cultura como o saber produzido em sociedade pode contribuir para modos de subjetivação e, sobretudo refletir sobre como eles visualizaram a cultura ao qual pertenciam e dessa pode nos propiciar a compreensão da sociedade atual, bem como das formas de violência como preconceito e bullying presentes em vários contextos. Para tanto atribuímos pensar para além do que se vê é também pensar o quanto o mal-estar contemporâneo frente ao culto do corpo perfeito pode estar interligado, quer com manifestações psíquicas que atuam sobre o sujeito, quer a uma lógica do consumo em excesso ou conteúdos de estereótipos, principalmente quando se nutre no campo social a normatização dos corpos.

¹ Adolescente filho uma das pesquisadoras, diagnosticado com autismo, estudante do 8º ano do ensino fundamental.



Partimos da questão de como as pessoas com obesidade podem ser alvo de preconceito e de bullying? A hipótese que se levanta é que a própria condição em saudável ou não saudável relacionada as formas de alimentação, inclusive alicerçadas nas teses científicas contribuem para a formação de estereótipos.

O Conceito de Esclarecimento, a Cultura e Elucubrações sobre a da Estética Corporal

508

Os apontamentos aqui apresentados evidenciam o quão é necessário entender que somente a partir do conhecimento do percurso histórico, o esclarecimento poderá advir. No entanto, há de se atentar que os autores frankfurtianos advertem acerca do próprio conceito de esclarecimento, quando este não é dialético ele se torna também uma forma de dominação, e, portanto, é totalitário.

O sentimento de horror materializado numa imagem sólida torna-se o sinal da dominação consolidada dos privilegiados. Mas isso é o que os conceitos universais continuam a ser mesmo quando se desfizeram de todo o aspecto figurativo. A forma dedutiva da ciência reflete a hierarquia e a coerção (Adorno e Horkheimer, 1985, p.30)

É nesta via, que observamos que as transfigurações culturais relacionadas à beleza e estética corporal produziu um duplo movimento. No entanto, os conceitos atribuídos, para que haja a possibilidade de modificação do pensamento torna-se imprescindível oportunizar espaços em que o indivíduo possa falar, pensar e autorrefletir. Nesse sentido pensar o desenvolvimento do indivíduo e sua relação com o mundo, bem como sua relação com as pessoas produz um movimento. Movimento capaz de trazer à consciência, primeiramente daquilo que se aliena, algo fundamental para a constituição do sujeito, e posteriormente acerca daquilo que se individualiza, também determinante da subjetividade, mas sobretudo entender que no processo de constituição subjetiva o quanto a educação e a liberdade podem ser a chave para aceitação da diferença (Crochik, 2017). Desse modo, o contato com as elaborações teóricas aqui mobilizadas nos servem como base para ter uma compreensão de como os autores citados neste trabalho analisaram a sociedade a qual pertenceram e, com isso articularam um pensamento crítico capaz de, mesmo sendo fruto de um tempo histórico em



que vivenciaram o objeto de estudo: a sociedade, também foram capazes de distanciar-se para visualizar fenômenos que necessitam ser repensados e modificados.

A saber, Adorno e Horkheimer (1985, p.11) afirmam que “o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência”. Não que estejamos com a intenção de negar os grandes feitos dos estudos científicos, mas ampliar, com a tentativa de discutir, principalmente como a cultura é determinante para a construção de pensamentos estereotipados que se propagam e são disseminados nas agressões presentes na relação social e individual ligadas à imagem do corpo e, sobretudo do corpo gordo.

Entendemos que a fragilidade das relações interpessoais tem proporcionado uma transformação social que impera o isolamento do eu. de pensar qual lugar da cultura no ideal de perfeição do mundo contemporâneo e na produção de estereótipos, principalmente em relação à redução de medidas corporais. Um paradoxo se apresenta, sobretudo, por uma sociedade capitalista, que em seus mínimos detalhes, trabalha para apanhar o sujeito, impondo-lhe uma necessidade faminta (LASH, 1984). Nessa via, o corpo gordo pode nos revelar uma face, muitas vezes às avessas da satisfação obtida por uma ideologia de consumo e aumento das relações em que prolifera o uso da imagem de um corpo padronizado e, por vezes, pode contribuir para análises de uma cultura que impõe modalidades engessadas em ideais e termina por rechaçar as diferenças.

A Cultura como Determinante para a Construção de Estereótipos, do Preconceito e de Novas Subjetividades

Entendemos que a constituição psíquica interrelaciona aquilo que nos é herdado, o Id, e aquilo que vamos capturando a partir da experiência com o mundo, o ego e, posteriormente com a internalização das leis sociais, o superego. Nesse caso, aquilo que é necessário para a constituição do indivíduo também corrobora para que o indivíduo seja ou não preconceituoso (Freud, 1939; Crochik, 2006).

Ao estudar formas de violência como preconceito e bullying, Crochick (2006) afirma que poucas pesquisas enfatizaram “as características específicas de cada uma delas” (p.09), o que mostra a relevância de demarcarmos esse



distanciamento. E não menos importante, questionar quais mecanismos psíquicos impedem que se progrida em relação a tais formas de violência. Menciona o autor que esclarecer tais diferenças não meramente se associa às justificativas em torno do interesse em estudá-las, pois a própria necessidade de justificar pode camuflar a mesma violência que gera a frieza de um preconceito e suas raízes em nossa sociedade. Nesse sentido não há uma linearidade, o que se discute é que a forma como a cultura se organiza ao longo da história irá modificar também o processo de socialização do indivíduo e, nessa multiplicidade o preconceito também não será restrito a um único objeto, o que indica que há algo inerente ao preconceituoso, que independe da característica dos alvos e, nessa relação, há de se observar a interrelação do indivíduo com a sociedade, pois “as ideias sobre o objeto do preconceito não surgem do nada, mas da própria cultura” (Crochick, 2006, p.14).

Em Freud (1930) somos levados a pensar que o convívio em sociedade produz adoecimento. Para o autor os efeitos repressivos do ato civilizatório, aniquilam o desejo em prol de atividades aprovadas culturalmente, porém o adestramento não retira de nós o desejo de destruição, aliás quando numa cultura são estabelecidos certos modelos, de antemão já anuncia a rejeição a qualquer diferença. Tal proposição implica dizer que o processo de socialização também será modificado a depender da cultura ou do tempo histórico. Nesse caso, percebe-se que há uma constante variabilidade dos elementos e objetos, quer construídos, quer analisados, mas que de todo modo o instinto de autopreservação se mantém, uma vez que o ego vive a serviço do princípio de realidade. Nesse sentido, podemos considerar que o surgimento do preconceito está relacionado ao conflito intrapsíquico, fundamental para a constituição subjetiva.

Em linhas gerais, entendemos que “somente quando pudermos reconhecer em nós mesmos a violência que criticamos no outro é que poderemos dar início ao entendimento do problema” (Crochik, 2006, p.11). A partir dessa assertiva temos a declarar que para que algo faça sentido e produza um efeito transformativo em relação a ações preconceituosas, há de se considerar a necessidade de integração do indivíduo em relação ao recalque primevo. A psicanálise mostra que o encontro com o objeto perdido é necessário para que ocorra a autorreflexão. Ainda, Crochick relata que o que



irá preencher a hiância entre sujeito e objeto perdido é que irá contestar ao preconceito e ao pensar estereotipado.

Nesse caso, quando essa relação é marcada pela independência entre sujeito e objeto, ou do pensamento em relação a realidade, resulta numa cristalização dos conteúdos e, desencadeia a compulsão a repetição. Para os frankfurtianos, mais precisamente, Adorno e Horkheimer (1985, p.15), “a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada. O que nos faz pensar o quão o próprio debate em torno do preconceito tem desencadeado um efeito paralisante, uma vez que se criam verdades, inclusive em torno de quem está ou não autorizado a falar sobre. O direito de sensibilizar e autorrefletir é quase negado.

Se analisarmos primeiramente em Marcuse (1975), o autor diz que a repressão é necessária para a constituição do sujeito. Todavia a questão dos efeitos nocivos desse processo será a mais repressão. Como se pode ver, quer analisando os estudos dos frankfurtianos, quer analisando as colaborações de Crochik (2006, p.29), é que o problema não se restringe a entrada do indivíduo na cultura, mas, sobretudo quando a internalização dos valores culturais opera como uma verdade incontestável, e termina por retirar a possibilidade da dialética: Há de advir algo da ordem do impossível, pois:

Esse movimento de independência do sujeito em relação ao objeto, do pensamento em relação à realidade, que leva à repetição dos mesmos procedimentos de pensar e à fixidez do conteúdo, não está ausente da lógica, da ciência e da técnica. Os argumentos lógicos presentes no pensamento e sua presença conjunta com a técnica em algumas ocasiões, como é o caso do nazismo, no qual uma cultura bastante desenvolvida tecnologicamente conviveu com atitudes preconceituosas que se tornaram normas culturais.

Com isso, compreende-se o quão a educação deve se atentar para uma formação cujo princípio último seja a autonomia. Se tudo que está fora do que é estabelecido culturalmente é negado, ou gera em nós uma reação contrária a ponto de suscitar o desejo de destruir ao outro, inicialmente torna-se imprescindível que se discuta e autorreflita acerca do desejo de dominação.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.13),



[...] de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando o seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade.

Nas palavras de Crochik (2006, p.25), “aprendemos a desenvolver um tipo de pensamento que exclui a reflexão sobre outras possibilidades de vida”, e com isso o pensamento toma uma forma estereotipada, isso quer dizer que não somente os objetos adotam uma forma cristalizada, mas também o ato de pensar. Um elemento que se destaca da contribuição do autor é que “os conteúdos dos estereótipos que servem ao preconceito, não surgem do nada e têm sua função social e individual”.

A saber, em uma pesquisa realizada entre os anos de 2010 a 2014, José Leon Crochik e Nicole Crochik (2017), com dados expostos na obra “Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva” apresentam as variáveis entre os autores do bullying e preconceito e a correlação com a hierarquia oficial, sendo, esta imposta pela crença cultural: bom ou mau aluno e, a não oficial caracterizada de alguma forma por aquele que se destaca mediante uma diferença que se opõe à hierarquia oficial. Esse estudo deu visibilidade às características e traços da personalidade dos indivíduos que praticam o bullying e o preconceito, e dentre as variáveis apresentadas verificamos que uma das formas de combater tais ações é o investimento no fortalecimento do sujeito. Os autores esclarecem, citando Adorno que o fortalecimento que fazem menção não se refere às práticas adaptativas e, sim, a práticas que desenvolvam à consciência e capacidade crítica, mais notadamente em relação às injustiças sociais.

Ampliando o pensamento para além do que se apresenta dentro dos limites da escola, mesmo sabendo que a escola não é dissociada da comunidade a que pertence, reportamos às narrativas apelativas nas redes sociais a respeito da forma idealizada do saudável, elemento marcante no discurso social contemporâneo, em especial ligado à beleza dos corpos, feio/



bonito, à alimentação saudável, à moda fitness e dos chamados cropped (que exclui o corpo gordo), percebemos, que se localizar em outra via, é também pensar o quão o ideal de perfeição é transitório de geração em geração e o quanto produz aprisionamento. Wolf (2020), assegura que ao longo das últimas décadas nada mudou em relação às formas exigentes da beleza.

Na concepção da autora negar as formas naturais de envelhecimento pelo processo de tempo decorrido é algo recorrente na sociedade, por mais que as modalidades da busca pela jovialidade se transfigure. Aliás, no tempo atual o envelhecer quase vira “adoecer”, marcas de expressão não são permitidas sendo necessária a harmonização facial e, com isso o culto à beleza desencadeia vários desajustes físicos, econômicos e psicológicos em prol de uma normatividade dos corpos.

A constatação que se tem é que “a invasão da experiência pela imagem” dificulta a consolidação de uma identidade” (Lasch, 1984, p.12), uma vez que na contemporaneidade lidamos com um eu fragilizado, inseguro em suas limitações. Ou, pode-se pensar que a falta de autorreflexão sobre as formas impostas através de conteúdos ideacionais tem se fortalecido, impedindo que o sujeito se dê conta de quem realmente ele é. Reforça-se com isso, que as análises de caráter constataam que o narcisismo prevalece, uma vez que na vida cotidiana certos “padrões característicos da cultura contemporânea, tais como temor intenso a velhice e da morte evidencia isso” (Lasch, 1983, p.57). Nota-se que “deixam de explorar qualquer dos traços de caráter associados ao narcisismo psicológico, os quais, sob forma menos extrema, aparecem com bastante profusão na vida cotidiana de nossos dias” (Lasch, 1983, p.57), com receio de que a análise psíquica obscureça a visão social. No entanto, não se pode pensar em conceitos ultrapassados quando existe uma preocupação à medida que o homem social se apresenta com a sensação de um vazio interior e insatisfação com a vida, ignorar a dimensão psicológica, com receio de desfavorecer a dimensão a social é contribuir para a perpetuação da barbárie (Lasch, 1983). Afinal o próprio Freud declarou que toda psicologia social também é individual, e fundamentalmente para os frankfurtianos a retomada do passado é como a chama capaz de manter viva o mesmo espírito de esperança de outrora (Freud, 1921; Adorno; Horkheimer, 1985).



O discurso hegemônico, a dieta nossa de cada dia e a sociedade da imagem

A dieta nossa de cada dia, revela o quão somos bombardeados com discurso hegemônico das dietas saudáveis, cujas denominações vai do lowcarb, cetogênica, jejum intermitente, dentre outras. Nessa esteira, Costa (1984, p.174), comenta a respeito do pensamento de Baudrillard e afirma que “o sistema industrial, alimenta-se de sucessivas formas de hierarquização de acesso aos bens”. Não se trabalha em prol da redução da desigualdade social, ao contrário, ela se desloca e se reorganiza cada vez que a população tem acesso ao bem ofertado.

Exemplificando, observamos a transição do brigadeiro para o brigadeiro gourmet, tão calórico quanto, porém com a nova denominação passa-se a mensagem de que o produto se tornou mais saudável e, conseqüentemente, acessível a poucos. Isso nos faz pensar o quanto há uma supervalorização em torno do produto orgânico vendido nas sessões de alimentação saudável dos supermercados ou nos empórios dos shopping centers, em contraponto com a comida da “terra” acessada livremente nas feiras. Em hipótese alguma estamos fazendo apologia aos produtos ultraprocessados em relação aos orgânicos, no entanto o que se vê é que a comida orgânica adotou outros predicados como comida de verdade, comida gourmet, alimentação saudável, e a mudança de denominação acarreta formas supervalorizadas, além dos custos elevados dificultando o consumo aos pobres, são inseridas no meio social e acabam por recolher desses discursos uma ilusão de que cada geração tem avançado em relação às demais, quando na verdade alguns recursos tidos como saudáveis são tão prejudiciais e até mortíferos, mais do que a velha e boa comida dos nossos avós. Não à toa que para Wolf (2002, p.10), “a cada geração que houver um avanço, principalmente por parte das mulheres, um novo ideal surgirá como forma de aprisionamento”.

Mudanças bem específicas em se tratando dos aspectos socioculturais contemporâneos, são observadas quando o uso da “imagem, assim como ideologias terapêuticas, racionalização da vida interior e um culto ao consumismo” são verdadeiros anteparos (Lasch, 1983, Souza e Bosi, 2013), frente a formas atuais imediatistas com o intuito de frear a pulsão de morte.

No pensamento de Costa (1984), a atualidade compadece do declínio da autoridade paterna. O fato de declinar não significa, a partir dos estudos do autor, uma inexistência da autoridade, ao contrário, a autoridade se transfigurou em “obediência aos padrões normativos impostos pelos meios de comunicação em massa” (p.163). Ademais, Costa (1984, p.14) nos lembra que há uma redefinição, o apagamento do individualismo competitivo a um homem adaptado às exigências modernas tem gerado uma terra povoada de homens ociosos, que deambula entre os valores e tradições e os valores citadinos, e nesta diversidade cria-se o “tipo urbano ideal” (Costa, 1984, p.14). Se estamos falando da necessidade de uma autorreflexão para que ocorra um deslocamento da forma de pensar e agir, o terreno atual está “semeado para o desenvolvimento de preconceitos” (Crochik, 2006, p.15).

A saber, a tese de Costa (1984, p.164) afirma que a entrada do homem no campo social e instauração do superego retratado por Freud em Totem e Tabu, demarca que a importância da lei e do superego como juiz interno perdeu a força, uma vez que na sociedade atual o “ego se estrutura não em conflito, mas diretamente em contato com a realidade”. Com isso a fragilidade egóica impede que o indivíduo adquira a habilidade de reflexão, uma vez que ele se mantém ligado ao desejo do outro (Crochick, 2006).

Por isso que na concepção de Lasch (1983, p.102), a sociedade capitalista deu lugar ao ter, em contraposição ao ser, afinal em se tratando da cultura estética o que temos visto é que cada vez mais há uma exigência em relação à perfeição dos corpos, principalmente quando a valorização da imagem gera uma opacidade da subjetividade. A produção maciça de mercadorias e a conseqüente proliferação do consumismo deu surgimento a uma sociedade dominada pela aparência, a qual o autor denominará como “Sociedade do Espetáculo”, isso significa que numa sociedade em que a publicidade trabalha não para anunciar o produto, mas para incentivar o consumo como uma forma de vida retrata que,

Ela educa as massas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por novas experiências de satisfação pessoal. Ela defende o consumo como a resposta aos antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual, ao mesmo tempo cria novas formas de



descontentamentos peculiares à era moderna. [...] o consumo promete preencher o doloroso vazio.

Há algo ainda a se pensar em relação a essa promessa mencionada pelo autor. Nota-se o quão a sociedade da imagem controlada pelas técnicas digitais implica uma artificialidade e impactos psicológicos negativos. Como já apontamos a forma estereotipada em torno daquilo que se considera belo ou não, surge a partir de amarras sociais e, portanto, possui uma função mantenedora do status quo. Evoca-se a explicação de Orbach (1978), que diz que a (des) harmonia de um corpo rechonchudo, que não seja tomado como padrão social, pode ser um recurso que o próprio sujeito lança mão para rejeitar o pacto civilizatório dominante ou produzir a sua própria narrativa. Assertiva que vai de ao encontro as proposições de Costa (1984, p.193) quando este coloca que dependendo do estado patológico “o princípio de realidade tem dificuldade de “enquadrar” o princípio de prazer e o conflito emerge, sob as mais variadas formas”.

O estudo das neuroses na Psicanálise demonstrou a Freud (1930), que a vida em sociedade que exige a renúncia da sexualidade, acarretaria ao ser humano o aparecimento de formações reativas, sendo estas solidárias ao sujeito para que suporte a angústia provocada pela castração. É certo que Costa (1894) retoma as elaborações psicanalíticas do texto freudiano e esclarece acerca do traumatismo causador da neurose, e a inferência que se faz a partir da leitura de Costa (1984, p. 151), é que a busca pelo corpo sarado e práticas compensatórias em nome da qualidade de vida, para além, de retomar ideias antagônicas, como prazer X desprazer estudadas pela psicanálise, indicam que temos que ter o cuidado de definir o conflito-psíquico observando os conflitos sociais e os conflitos psíquicos de maneira conceitualmente oportuna.

Para Freud (1905) a primeira experiência de satisfação do ser humano será durante a amamentação. O autor considera que a partir de uma necessidade vital o homem obtém sua primeira experiência prazerosa e daí se inscreve um traço mnêmico. O objeto achado através da reativação desses traços permite uma descarga pulsional (Costa, 1984). Cabe lembrar que para a realidade psíquica a experiência prazerosa pode ser uma experiência dolorosa para nós. Ainda, Freud (1919) desenvolve o quão a experiência de

estranhamento diante do inesperado, desperta em nós instintos primitivos. Defende-se então que a rejeição da diferença sinaliza algo reprimido em nós e que uma experiência de espelhamento inconsciente poderá emergir. Isso explica tanto o fato do preconceituoso, quanto do autor de bullying em querer destruir o alvo. Culturalmente o corpo gordo é rechaçado, e individualmente ele pode estar sinalizando uma recusa da querência do outro.

O que nos leva a especular sobre as construções acerca do narcisismo e relação de objeto. Percebe-se que Freud (1921) afirma ser a identificação uma fase embrionária das relações humanas e a incorporação do objeto perpassa por uma introjeção, uma vez que as representações psíquicas são resultantes do processo de introjeção no aparelho psíquico das imagens parentais. A esse processo o autor considera ser a causa da estruturação narcísica do sujeito. Nesta via, entende-se que a identificação também perpassa pela eliminação do outro, o que seria explicado como uma forma primitiva canibalística em que a identificação com o objeto acarretaria uma forma de integrá-lo e, com isso destruí-lo. Para atender as exigências do superego, o ego se esfacela, se consome em função de um ideal. Ademais, Freud (1914, p.93) pontua que existe uma “vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção”. Nota-se que a teorização sobre o narcisismo revela que Freud (1914, p.93) direciona duas possibilidades de escolha objetal do bebê:

ele próprio e a mulher que cuida dele. Porém quando o narcisismo do indivíduo desloca em direção ao ego ideal, o homem se torna incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica e, quando crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico.

As construções de Freud (1914, p.47) demonstram que “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo”. Neste caso o narcisismo surge através da inferência da energia libidinal dirigida ao objeto como fonte secundária de satisfação, que se superpõe a um narcisismo primário que fora obscurecido por diversas influências. de catexias objetais. Com isso, as



formações de um ideal acarretam uma maior exigência do ego. Nesse caso, a satisfação pulsional é independente do relacionamento com o outro, pode ser que o indivíduo se afogue em si mesmo, mesmo que isso lhe custe a autodestruição. Como bem nos lembra Bollas (2015, p.48), “as águas reprimidas quando buscam passagem correm com mais violência”.

O próprio Freud (1930, p.129) indaga inúmeras vezes na tentativa de explicar o que acontece no íntimo do sistema mental para que “o desejo se torne inofensivo o desejo de agressão.”(rever citação; parece estar faltando alguma palavra) Nesta explicação ele assevera que “sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego”. Isso nos leva a entender que a problemática que envolve toda a construção narcisista, desde Freud é observada em primeiro plano, sendo primeiramente um conflito entre o eu e o ideal do eu.

Considerações finais

O trabalho teórico nesse ensaio objetiva discutir os fenômenos acerca do ideal de perfeição do corpo construído pela cultura contemporânea e analisar à luz do pensamento de Freud, Adorno e Horkheimer como a relação do indivíduo com a cultura. Advogamos que o trabalho que abra caminhos para a autorreflexão acerca de valores culturais internalizados é de suma emergência em uma sociedade contemporânea que procura causa/ efeito diante das problemáticas vivenciadas. A internalização de conteúdos sem uma autorreflexão ou métodos científicos comprovados antes da disseminação reproduzem discursos sem ao mesmo pensar sobre aquilo que está sendo veiculado, mas sobretudo poderá permitir que o indivíduo acesse matrizes primitivas capazes de causar estranhamento diante de algo no externo que reavivam conteúdos inconscientes. Entender as construções acerca do narcisismo, também é entender que um ideal é construído primeiramente dentro do social, perpassa por uma construção cultural e segue sendo internalizada pelo indivíduo em seu processo de desenvolvimento psíquico.

Em suma, cabe ressaltar que as correlações destacadas nesse trabalho versam sobre as possibilidades de entender como cada indivíduo internaliza



construtos universais para que assim possa abrir possibilidades de acolher a particularidade, a que todos têm direito. O foco da discussão se ateve a pessoas gordas, o que também poderá ser replicado a outros fenômenos pois a discussão aqui depreendida afiança, baseada nos estudos de Crochik (2017) que os autores do bullying são pessoas com fragilidades acerca da potencialidade cognitiva e, que nesse caso há uma tendência a projetar em seu alvo algo que remete a sua própria fragilidade, não à toa que as chamadas minorias: negros, pessoas com deficiência, comunidade LGBTQIA+ e pessoas obesas tem sido alvo de constantes ataques e portanto violentadas, sejam diretamente por formas agressivas em contextos que convivem cotidianamente, ou de forma camuflada pelo discurso hegemônico culturalmente difundido, ou inclusive por parte de um encontro desconcertante com o que vês no espelho.

Referências

BARBOSA, L. **Tendências da alimentação contemporânea**. In PINTO, M.L e PACHECO, J.K (orgs). Juventude, Consumo & Educação. Porto Alegre: ESPM, 2009.

BOLLAS, C. Psicanálise na Era da Desorientação: do retorno do oprimido. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Volume 49, n.1.p.47-66. 2015.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984. Cap. V – Violência e Narcisismo. Geração AI-5.1984.

CROCHICK, J.L. **Preconceito, Indivíduo e Cultura**. 3ª ed. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2006.

CROCHICK, J.L.; CROCHICK. N. **Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva**. São Paulo. Benjamim Editorial.2017.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago. [1905]1996.

FREUD, S. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago. [1913]1996.

FREUD, S. **Sobre o Narcisismo**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, [1914] 1996.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v.XXI. Rio de Janeiro: Imago. [1930] 1996.



FREUD, S. (1919). **O Estranho**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago. 1983.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 1975.

ORBACH, S. **Gordura é uma questão feminista**: um manual de auxílio para quem come sem parar. Editora Record. 1978.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 19ªed. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos. 2022.

Sobre as autoras

Alessandra Lopes da Silva Macedo

alemacedo17@yahoo.com.br

Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Cricaré

Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (2023-2027). Mestre em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo (2021). Especializanda na Clínica dos Transtornos Alimentares pelo Instituto ESPE.

Regina Celia Mendes Senatore

rcsenatore@gmail.com

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1994), mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). É professora Associada IV do Departamento de Educação e Ciências Humanas (DECH) do Ceunes da Universidade Federal do Espírito Santo (2009).

